



## DEVASTAÇÃO E DETENÇÃO DO SUJEITO NA TRAJETÓRIA DE TORNAR-SE UMA MULHER: A RELAÇÃO MÃE-FILHA EM QUESTÃO

Isadora L. P. Dantas Brunner<sup>1</sup>

O presente trabalho, apoiado na psicanálise, tem como propósito fazer uma reflexão acerca da relação mãe-filha. Para isso, parte da idéia de *devastação*; compreendida como um acontecimento contingente, isto é, que pode ou não instaurar-se na trajetória de uma menina para constituir-se em *uma* mulher – em um momento subjetivo delicado, que implica que a filha deva identificar-se com a figura materna, segundo André (1998), quando mais a odeia<sup>2</sup>.

Esta investigação baseia-se em atendimentos realizados com meninas na faixa etária dos 12-13 anos de idade e, eventualmente, também de suas mães, em um núcleo sócio-educativo na região central da capital paulista. Na maioria dos casos, estas últimas criavam suas filhas sozinhas em razão do abandono de seus parceiros. As indagações das adolescentes, por sua vez, remetiam a questões tais como: “*o que é ser uma mulher?*”, “*o que é ser uma mulher desejada?*”, “*em que aspectos desejo parecer-me com minha mãe?*” ou “*é possível ser uma mulher diferente do que ela é?*”. Já as falas de suas mães revelavam nuances do desejo materno, por vezes, projetando de forma maciça o que não puderam viver em suas filhas, em outras, negando o aparecimento de qualquer luz do desejável em “suas meninas”, ou com um temor muito grande pela sexualidade das filhas, que pudesse concretizar-se em uma gravidez precoce e indesejada, como tinha ocorrido, em geral, com elas próprias. Deste modo, apesar de não serem feitas referências diretas a estes atendimentos ao longo do trabalho, é a prática clínica que direciona suas principais questões.

Pelo fato da adolescência, ao impor uma série de vicissitudes, ser um momento privilegiado da sexuação, que convoca o sujeito, especialmente, no caso da menina, pela via do especular, a questionar-e quanto a sua própria imagem e ao ser desejável para o outro, optou-se por recorte que tem como foco a *devastação* do ponto de vista da filha, à medida que cria maiores obstáculos para o sujeito em aceder a sua própria feminilidade, única e distinta da de sua mãe.

Tomando-se o sintoma<sup>3</sup>, também sempre singular, como indício de uma *devastação* que se tornou concretizou e que pode revestir-se sob diferentes expressões, que podem ser tanto da ordem do excesso, como da falta, seu denominador comum, no entanto, conforme destaca Brassier (2005),

<sup>1</sup> Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: isalinsporto@hotmail.com.br

<sup>2</sup> ANDRÉ, Serge. *O que quer uma mulher?* 7ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 189.

<sup>3</sup> Aqui o sintoma conforme entendido pela psicanálise (e em Lacan em especial), ou seja, aquilo que diz respeito ao real. Entretanto, diferentemente das demais ciências, este real é o que faz o sujeito sofrer, o impossível de ser suportado.



“manifesta-se por um fracasso feminino, pela dificuldade (...) de poder ser ao mesmo tempo sujeito ativo e desejante na vida e objeto passivo de amor e de desejo para um homem”<sup>4</sup>.

Assim, independentemente da *devastação* manifestar-se como “êxtase, amor que asfixia ou ódio destrutivo” Brassier (2005) propõe tratar-se dela sempre que, para uma filha, algo do laço materno primordial ressurgido faz malograr sua feminilidade. Invertendo-se os termos, pode-se também dizer que se torna iminente quando, em ocasiões marcantes de sua vida, tais como; luto, ruptura amorosa, fracasso profissional etc., a filha vê-se regressivamente às voltas com esta relação e seus impasses<sup>5</sup>.

É possível observar estas diferentes formas de expressão da *devastação* em casos reais, registrados pela literatura clínica psicológica e psicanalítica, como os de Camille Claudel e sua mãe, Louise e o de Maria Riva, filha de Marlene Dietrich. Também, no retrato destas relações que fazem as artes, caso do filme “Sonata de Outono”, de Ingmar Bergman, e da personagem literária Lol V. Stein, da obra de Marguerite Duras.

Mas qual a especificidade desta relação que conduzir a uma *devastação*?

Propõe-se fazer uma breve passagem em alguns pontos da obra freudiana, para então passar-se às considerações de Lacan e de seus comentaristas a respeito da idéia da *devastação* e das peculiaridades do percurso de tornar-se *uma* mulher.

Do ponto-de-vista de André (1998), a genialidade de Freud é a de haver considerado que, no que diz respeito à questão da feminilidade, as considerações anatômicas não são de ajuda alguma, de onde se pode extrair, que “a realidade do sexo não é o real do órgão anatômico”<sup>6</sup>. Nas palavras do próprio Freud (1933[1932]) “(...) aquilo que constitui a masculinidade ou a feminilidade é uma característica desconhecida que foge ao alcance da anatomia”<sup>7</sup>.

Desta forma, sobre o processo de constituição psicosssexual feminino, Freud (1933[1932]) propõe que à psicanálise não interessa descrever o que é a mulher, mas sim compreender como a criança dotada de disposição bissexual *torna-se mulher*<sup>8</sup>.

De acordo com André (1998), é a partir do artigo “Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”, que Freud começa a demarcar a forma através da qual o primado do falo se revela para um e para outro sexo<sup>9</sup>.

<sup>4</sup> BRASSIER, Vanessa. Le ravage mère et fille. *Le goût de la psychanalyse*, n.69, fevereiro 2005 < [http://perso.orange.fr/liliane.fainsilber\\_23htm](http://perso.orange.fr/liliane.fainsilber_23htm)> Acesso em 03 de julho de 2007, p. 3.

<sup>5</sup> Ibid., p. 2.

<sup>6</sup> ANDRÉ, Serge. Op.cit., p. 11.

<sup>7</sup> FREUD, Sigmund (1933[1932]). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. Feminilidade. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v.XXII, p. 115.

<sup>8</sup> Ibid., p. 117.



Neste sentido, Freud (1925) destaca “um contraste interessante entre o comportamento dos dois sexos”. Enquanto o menino, frente à angústia de castração é forçado a crer na realidade de uma ameaça, a menina comporta-se diferentemente, “ela o viu, sabe que não o tem e quer tê-lo”<sup>10</sup>.

Tal descoberta, segundo André (1998) inscreve-se “no registro de *falta* para o menino e no registro do *véu* para a menina”. Deste modo, “o ingresso na problemática da castração ocorre para ambos, mas não ao mesmo nível”. Do lado da menina, “a anatomia do outro sexo lhe oferece um *signo* indiscutível, sobre o qual ela pode se apoiar para concluir, sem passar pelo tempo de compreender ao qual o menino é condenado”. Esta evidência, entretanto, não é menos enganosa do que a ausência de signo que é encontrada pelo menino. Para ela, “o signo do pênis desempenha (...) o papel de uma tela que oculta a natureza de sua própria falta”. Assim, enquanto a criança do sexo masculino “se introduz aí pelo viés do simbólico”, no caso da criança do sexo feminino, aborda-se “o sexo oposto por uma imaginarização” através da qual a menina “atribui ao pênis a função de signo de uma identidade sexual da qual se sente privada”<sup>11</sup>.

Sentindo-se prejudicada pela mãe que não a dotou de um pênis e que, além disto, revelou-se aos seus olhos também castrada, a filha, segundo Freud (1931), é forçada a abandoná-la como objeto e impulsionada a transferir seu amor para o pai<sup>12</sup>.

O complexo de Édipo, aponta Freud (1925), revela um contraste fundamental, “enquanto nos meninos (...) é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração”<sup>13</sup>.

No mesmo artigo, no entanto, Freud (1925) ressalta que nas meninas o complexo de Édipo suscita um problema a mais do que nos meninos já que, para ambos, “a mãe é o objeto original” e que não constitui causa de espanto algum que os meninos conservem esse objeto. Pergunta-se, então, “como ocorre (...) que as meninas o abandonem e, ao invés, tomem o pai como objeto?”<sup>14</sup>.

Nas palavras de Freud (1931), “(...) ao final dessa primeira fase de ligação à mãe, emerge, como motivo mais forte para a menina se afastar dela, a censura por a mãe não lhe ter dado um pênis apropriado, isto é, tê-la trazido ao mundo como mulher”<sup>15</sup>.

---

<sup>9</sup> ANDRÉ, Serge. Op.cit., p. 173.

<sup>10</sup> FREUD, Sigmund (1925). Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XIX, p. 281.

<sup>11</sup> ANDRÉ, Serge. Op.cit., p. 174.

<sup>12</sup> FREUD, Sigmund (1931). Sexualidade feminina. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XXI, p. 247.

<sup>13</sup> FREUD, Sigmund (1925). Op. cit., p.285.

<sup>14</sup> Ibid., p. 280.

<sup>15</sup> FREUD, Sigmund (1931). Op. cit., p.241-242.



Para André (1998), a menina, ao acreditar que a mãe não lhe deu um “verdadeiro órgão genital”, sente-se então, “desprovida de um signo indiscutível de sua própria identidade sexuada”. O sexo feminino permanece, na perspectiva da teoria freudiana, não descoberto, e isso nos dois sentidos, próprio e figurado do termo. Essa ausência de identidade apenas deixa, como via possível à identificação feminina, a identificação à mãe. “‘Maternidade’”, destaca o autor, entretanto, “não é ‘feminilidade’ e, de resto, a identificação à mãe é fundamentalmente ambivalente, já que a mãe é também privada de pênis, e portanto essencialmente desvalorizada para a filha”<sup>16</sup>.

Do ponto de vista desta investigação, considera-se este alinhamento da mulher à mãe, como um dos pontos mais controversos da teoria freudiana em torno da questão da feminilidade. Assim sendo, propõe-se trazer aqui algumas contribuições teóricas de Lacan que, ancoradas em seu “retorno a Freud”, permitem superar este impasse e avançar em torno da questão.

Em “O Aturdito” (1972), Lacan toma um rumo diferente de Freud, ao considerar que

(...) a elucubração freudiana do complexo de Édipo, que faz da mulher peixe na água, pela castração ser nela ponto de partida (*Freud dixit*), contrasta dolorosamente com a realidade da devastação que constitui, na mulher, em sua maioria, a relação com a mãe de quem, como mulher, ela realmente parece esperar mais substância que do pai – o que não combina com ele ser segundo, nessa devastação<sup>17</sup>.

Se para Freud a dessimetria fundamental do complexo de Édipo localiza-se em conteúdos relacionados ao complexo de castração, para Lacan, esta dessimetria situa-se no nível do simbólico ou do significante. Assim, onde para o homem existe um símbolo bem prevalente, para a mulher, o imaginário não fornece nada além de uma ausência; ou seja, não existe simbolização do sexo da mulher<sup>18</sup>.

Zarowsky (2006), considera que embora Lacan tenha já encontrado, em Freud, a idéia de uma “devastação mãe-filha como um avatar da resolução do complexo de Édipo do lado da menina”<sup>19</sup>, a forma como ambos situam a especificidade da sexualidade feminina que induz a essa *devastação* é distinta. Seguindo o rastro teórico de Freud pode-se localizar sua causa na reivindicação fálica, a partir da inveja do pênis. Assim, a *devastação* seria considerada um elemento estrutural. Já para Lacan, não o seria, pois o que entra em questão na *devastação* é o gozo Outro, no ponto em que a mulher relaciona-se com este gozo não articulado ao significante, pelo fato de que, para ela, há uma impossibilidade de enunciar o seu sexo<sup>20</sup>.

<sup>16</sup> ANDRÉ, Serge. Op.cit., p.177.

<sup>17</sup> LACAN, Jacques (1972). O Aturdito. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000, p. 465.

<sup>18</sup> Cf. ZAROWSKY, Patrícia. Uma aproximação da devastação mãe-filha. In: *As realidades sexuais e o inconsciente: Histórico da questão*. Salvador: Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, 2006, p. 274.

<sup>19</sup> Ibid., p. 268.

<sup>20</sup> Ibid., p. 273.



No seminário *Mais, ainda...* (1973[1972]), Lacan elabora a idéia de um gozo outro (que também pode ser chamado de gozo Outro, gozo feminino ou gozo suplementar), que não passa pela cadeia significante e que se situa do lado feminino, na tábua da sexuação – o que não significa que apenas as mulheres tenham acesso a ele, os homens, sob determinadas condições, também o têm; neste sentido, Lacan cita o exemplo de São João da Cruz. Ao contrário do gozo fálico, que atravessa os objetos da pulsão e articula-se à cadeia significante, esse gozo outro não passa pela palavra, nem pode ser dito<sup>21</sup>.

Este gozo outro além do falo, do qual a mulher nada pode dizer, por sua vez, “impede que se faça das mulheres uma categoria universal, pois cada uma é ‘não-toda’ dentro do registro fálico”<sup>22</sup>. Nas palavras de Lacan (1973[1972]): “O ser sexuado dessas mulheres *não-todas* não passa pelo corpo, mas pelo que resulta de uma exigência lógica na fala”<sup>23</sup>.

A partir desta idéia de que o processo de constituição psicosexual feminino é o de constituir-se como única e não como parte de um conjunto, que se considera que tal percurso é de tornar-se *uma* mulher. E é no campo do gozo outro onde existe a potencialidade que pode induzir a uma *devastação*; que, uma vez concretizada, cria maiores obstáculos para o sujeito nesta trajetória.

Para Lessana (2000), mãe e filha acreditam que se assemelham como imagens por habitarem corpos eróticos específicos, objetos de desejo, atravessados por um suposto gozo sexual “feminino”. Esta similaridade imaginada lhes dá a ilusão de uma cumplicidade da experiência feminina, da confiança íntima, de uma transparência de experiência – ainda que procurem opor estas ilusões, ou a defenderem-se<sup>24</sup>.

Há um “furo” no simbólico quanto à nomeação do sexo feminino e, nesse sentido, “a devastação entre mãe e filha é a prova que se coloca ao ponto onde a filha espera uma identificação feminina que se revela impossível”. É exatamente este aspecto da relação entre uma mãe e sua filha, que não guarda semelhança alguma com a pergunta da transmissão pai-filho<sup>25</sup>.

Neste sentido, conforme foi acima apontado, a adolescência, como fase de *reatualização da experiência do estádio do espelho*<sup>26</sup>, é considerada como um momento propício para a ocorrência da *devastação*. Segundo Lessana (2000), embora não se imponha necessariamente durante este período, a *devastação* manifesta-se como crise de adolescência, uma vez que há uma retomada à

---

<sup>21</sup> Cf. *Ibid.*, p. 268.

<sup>22</sup> *Ibid.*, p. 275.

<sup>23</sup> LACAN, Jacques (1973[1972]). *O seminário. Livro 20. Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982, p. 19.

<sup>24</sup> Cf. LESSANA, Marie-Magdeleine. *Entre mère et fille: un ravage*. Paris: Hachette Littératures, 2000, p. 398.

<sup>25</sup> *Ibid.*, p. 396.

<sup>26</sup> Cf. RASSIAL, Jean-Jacques. *O adolescente e o psicanalista*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.



prova do espelho no ponto em que o corpo feminino metamorfoseia-se, apelando a novas identificações: ‘tornar-se mulher’, ‘ser mulher’. Este percurso é inquietante e enigmático, convoca o espelho. Qual é o traço ‘mulher’ visível na imagem<sup>27</sup>?

Apesar desta similaridade imaginada entre mãe e filha, “o gozo sexual feminino não oferece nenhum traço visível no espelho daquela que lhe é semelhante”. Assim, “não há uma resolução identificatória possível de uma prova do espelho na puberdade que diria ‘você é mulher’, que daria um eu-mulher”<sup>28</sup>.

Em Conferência intitulada “O infantil e o feminino”, Nominé (1997), ao propor uma releitura das teses de Freud a respeito da feminilidade, sendo uma delas, a de que a menina, a partir de sua inveja do pênis, dirige-se ao objeto paterno com o auxílio de tendências passivas que puderam escapar de seu aniquilamento; sugere que há aí uma transferência de um saber, no sentido analítico mesmo do termo, à medida que, ao dirigir-se à figura paterna, ela supõe um saber<sup>29</sup>.

Nominé (1997) coloca que seguindo o pensamento de Freud, pode-se dizer que a menina afasta-se da mãe por não lhe ter dado um pênis. No entanto, o que a filha reivindica, de fato, é o gozo perdido, gozo que é procedente das tendências passivas. Desse modo, a inveja do pênis trata-se de um significante. Significante, cujo significado é, na realidade, este gozo passivo, dado que não há palavra para traduzi-lo. Assim, a primeira reivindicação que uma menina faz a sua mãe, poderia ser esta, de um gozo que passou entre elas e que se perdeu. No lugar disso, ela reivindica o que falta em sua imagem de forma mais chamativa, ou seja, o pênis<sup>30</sup>.

Quando a menina deixa de acreditar que a mãe seja capaz de dar-lhe tudo; ou seja, o gozo e as palavras para dizê-lo, assim como também, aceita que ela seja *não-toda*, cai, então, “(...) a ilusão, e ao mesmo tempo nasce o desejo que a levará a buscar um significante do lado do pai”. Logo, a filha termina com sua reivindicação, e dirige-se ao pai com um *peniswunsch* que parece tratar-se da transferência de um desejo. Assim, “se o *penisneid* surge para tratar de representar o gozo perdido, o *peniswunsch*, por sua vez, é o sinal de que o sujeito renunciou alcançar este gozo passivo (...) e este objeto perdido que chamamos *objeto a*, segue empurrando a metonímia do desejo, no final das contas (...)”. O aniquilamento total das tendências passivas aconteceria, no caso de que elas fossem traduzidas por completo em masculinidade, não deixando resto algum. Neste caso, a menina, e até

<sup>27</sup> Cf. LESSANA, Marie-Magdeleine. Op. cit., p. 397.

<sup>28</sup> Ibid., p. 398.

<sup>29</sup> Cf. NOMINÉ, Bernard. Lo infantil y lo femenino, In: *El Padre y La Mujer*. Publicación del Curso de Posgrado: “La Clínica Psicoanalítica” A cargo de Osvaldo Delgado y Mario Goldenberg Facultad de Psicología –UBA, Editora Atuel, Buenos Aires, 1997, p. 81.

<sup>30</sup> Cf. Ibid., p. 81-82.



mesmo, certas mulheres, deter-se-iam em uma posição de inveja do pênis, na esperança de que a mãe desse-lhes tudo <sup>31</sup>.

É nesse sentido que Lessana (2000) afirma que para Lacan, no caso da menina “a busca do falo e o amor do pai viriam em segundo plano, seriam mesmo secundários, ao lado da dolorosa relação com a mãe, para uma mulher, ‘enquanto mulher’” <sup>32</sup>.

Segundo Miller (1998), a criança preenche e divide, e é essencial que não deixe de dividir, no sujeito feminino que tem acesso à função materna, a mãe e a mulher, sendo fundamental que a mãe deseje outras coisas além dela <sup>33</sup>.

Para a filha, este desdobramento da personagem feminina entre a mulher e a mãe é fundamental como referente para a construção de sua própria feminilidade.

Assim, de acordo com Zalberg (2003), é que a feminilidade de uma mulher, além de constituir-se “entre pai e mãe” também constitui-se “entre duas mães”, pois para a menina a figura materna “desdobra-se em uma função materna e em uma função feminina na medida em que a mãe é também uma mulher”. É sobre essa condição que Lacan se refere, já no final de seu ensino, na síntese de seu raciocínio acerca da especificidade desta relação quando aponta para a questão da filha, como mulher, esperar mais de “substância” da mãe, do que do pai <sup>34</sup>.

A filha, de acordo com Zalberg (2003):

Em um primeiro momento, ao voltar-se para a mãe, ainda espera receber desta um significante do sexo feminino; terá de descobrir que a mãe também é destituída deste significante específico da feminilidade: ele não existe. Em um segundo momento, (...) em se reconciliando com a idéia de que também à mãe falta um signo indubitável da feminilidade, busca na mãe uma maneira para fazer face a essa impossibilidade de o encontrar; isto é, uma maneira que lhe permita criar-se uma identificação feminina numa estrutura de ficção. É isto que a filha espera da mãe: uma crença na constituição de uma feminilidade possível. <sup>35</sup>

O caminho de tornar-se *uma* mulher, implica, por parte da filha, a renúncia de que a figura materna pode oferecer-lhe as palavras capazes de nomear o seu sexo e de traduzir um gozo outro, fora da linguagem. Assim, é necessário que haja a queda desta ilusão.

Deste modo, embora não seja possível a transmissão da feminilidade de mãe para filha, no sentido de um significante poder ser passado de uma a outra, já que são as duas *não-todas* inscritas na função fálica, há a possibilidade, diante deste furo do simbólico, da transmissão de um *savoir-faire* capaz de ser passado da mãe para a filha – mesmo dentro de uma estrutura de ficção em que

---

<sup>31</sup> Ibid., p. 83. Grifos meus.

<sup>32</sup> LESSANA, Marie-Magdeleine. Op. cit., p. 9.

<sup>33</sup> MILLER, Jacques-Alain. A criança entre a mulher e a mãe. *Opção Lacaniana*. Rio de Janeiro, n. 2, abr. 1998, p. 8.

<sup>34</sup> ZALBERG, Malvine. *A relação mãe-filha*. 10ª edição. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003, p. 15.

<sup>35</sup> Ibid., p. 191.



cada uma deve fazer sempre a sua versão. Neste caso, quando aquela é capaz de localizar esta questão e quando não lhe é insuportável ser *uma* mulher. Momento fecundo em que pode residir toda a riqueza de uma feminilidade possível, mas que não deixa de apontar, sempre, para toda relação de uma filha com sua mãe.

### *Referências*

- ANDRÉ, Serge. *O que quer uma mulher?* Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BRASSIER, Vanessa. Le ravage mère et fille. *Le goût de la psychanalyse*, n. 69, fevereiro 2005. Disponível em: <[http://perso.orange.fr/liliane.fainsilber\\_23htm](http://perso.orange.fr/liliane.fainsilber_23htm)> Acesso em: 3 jul. 2007.
- FREUD, Sigmund (1925). Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. Trad. José Luís Meurer. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIX.
- \_\_\_\_\_. (1931). Sexualidade feminina. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XXI.
- \_\_\_\_\_. (1933[1932]). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. Feminilidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XXII.
- LACAN, Jacques (1972). O Aturdido. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- \_\_\_\_\_. (1973[1972]). *O seminário. Livro 20. Mais, ainda*. Trad. M.D.Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.
- LESSANA, Marie-Magdeleine. *Entre mère et fille: un ravage*. Paris: Hachette Littératures, 2000.
- MILLER, Jacques-Alain. A criança entre a mulher e a mãe. Trad. Cristiana P. de Matos, Cristina Vidigal, Inês Seabra e Suzana Barroso. *Opção Lacaniana*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 7-12, abr.1998.
- NOMINÉ, Bernard. Lo infantil y lo femenino. In: *El padre y la Mujer*. Publicación del Curso de Posgrado: “La Clínica Psicoanalítica” A cargo de Osvaldo Delgado y Mario Goldenberg Facultad de Psicología – UBA. Buenos Aires: Actuel, 1997. p. 77-99.
- RASSIAL, Jean-Jacques. *O adolescente e o psicanalista*. Trad. Lêda Mariza Fischer Bernardino. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.
- ZALCBERG, Malvine. *A relação mãe e filha*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- ZAROWSKY, Patrícia. Uma aproximação da devastação mãe-filha. In: *As realidades sexuais e o inconsciente: Histórico da questão*. Trad. Elisabeth Saporiti. Salvador: Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, 2006. p. 267-276.